



XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR

Maio de 2011

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

A CARTOGRAFIA DO COTIDIANO COMO APROXIMAÇÃO METODOLÓGICA

Camila Benezath Rodrigues Ferraz (UFBA) - camilaferraz@hotmail.com

Arquiteta, pós-graduanda (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - UFBA

A Cartografia do Cotidiano como Aproximação Metodológica

Introdução

Os discursos sociais são representações parciais daquilo o que enunciam, ou seja, estão vinculados a um determinado tempo e espaço onde são (re)produzidos e são comprometidos pelos interesses particulares ou coletivos de quem os enuncia. Os discursos oficiais dos Boletins de Ocorrência, os chamados BOs¹; os discursos midiáticos sobre criminalidade; e os discursos presentes em situações e interações sociais que abordam o tema da criminalidade² contribuem para divulgar e (re)produzir o medo (imaginário ou não) em seus receptores, sejam eles leitores, ouvintes ou pesquisadores. Forma-se um ciclo onde os estereótipos de grupos sociais e de áreas da cidade tidos como criminosos ou potencialmente perigosos são reforçados. Estes discursos, também dispositivos de apreensão e de registro de informação, (des)qualificam o espaço e conduzem a uma representação simplista, reduzindo a uma única imagem, ao estereótipo, múltiplas situações. Mas como não contribuir e não fazer parte desta engrenagem? É possível falar da criminalidade sem criar estereótipos específicos para áreas da cidade e para grupos sociais?

O artigo a seguir procura apresentar uma possível aproximação metodológica a ser utilizada para alcançar estas questões e que foi adotada na pesquisa da dissertação de mestrado da autora³. As ferramentas buscam tratar a problemática da criminalidade urbana e sua relação com as formas de apropriação coletiva ou individual dos espaços públicos ou privados, numa tentativa de desconstruir ou, ao menos, não fortalecer esta lógica de (re)produção de estereótipos. Pretendemos sugerir outras formas de apreensão do espaço urbano, além dos métodos tradicionais.

Uma cartografia possível

A elaboração de uma cartografia do cotidiano se mostra como uma aproximação metodológica possível para o enfrentamento ao ciclo de (re)produção de estereótipos de criminalidade. Falamos aqui de uma cartografia não no sentido de mapa enquanto representação estática do mundo que distribui em diferentes escalas objetos e fenômenos

na superfície terrestre ou na malha urbana das cidades. A cartografia sobre a qual nos propomos a tratar se refere mais a um desenho que vai se construindo “ao mesmo tempo (e indissociavelmente) em que os territórios vão tomando corpo: um não existe sem o outro” (ROLNIK, 2007, p.50). É uma cartografia que se desenha entre os movimentos do corpo curioso do cartógrafo, seu “corpo vibrátil”, e o mundo que o instiga ao seu redor. A expressão “corpo vibrátil”, segundo Sueli Rolnik (2007) procura alcançar a capacidade de nossos sentidos de apreender o mundo tendo o outro como parte integrante de nós mesmos; no “corpo vibrátil” a separação entre o *eu* e o *ele* se dissolve, pois o “corpo vibrátil” é sensível aos efeitos dos encontros dos corpos, humanos ou não, e de suas reações. O “olhar vibrátil” deste corpo impregna-se com o mundo, “participa da construção dos territórios que então se fazem, pelo viés específico de sua cartografia conceitual” (Ibid., p.15).

Ainda segundo Rolnik, os procedimentos para a construção de uma cartografia não seguem a nenhum “protocolo normalizado”, sendo livre para cada cartógrafo “inventar” quais os procedimentos atendem a suas necessidades, ao contexto no qual se encontra. A seguir apresentamos as “invenções” que compõem nossa aproximação metodológica. São escolhas que moldaram, consciente ou inconscientemente, a cartografia do cotidiano que construímos. E com cartografia do cotidiano queremos dizer a busca por apreender as relações mais elementares, as repetições presentes na vida cotidiana e que estão vinculadas ao trabalho, à diversão e ao lazer, como veremos mais adiante.

O recorte espacial

A primeira “invenção” é a definição de um recorte espacial da malha urbana de Salvador, Bahia. Entendemos que, para a construção de uma cartografia que não reduzisse em uma única imagem múltiplas situações, como fazem os próprios discursos midiáticos principalmente, faz-se necessário trabalhar em escala reduzida, buscando apreender as particularidades dos lugares. Daí a escolha de um recorte espacial, não para ser tomado como modelo, mas como um dos recortes possíveis.

A definição do recorte espacial da malha urbana de Salvador foi guiada pelos próprios discursos midiáticos sobre criminalidade, especialmente os discursos apresentados nos jornais locais e seus estereótipos. Manuseando as folhas dos jornais, buscamos manchetes, notícias e imagens publicadas que tratassem da problemática da criminalidade e percebemos a insistência que os jornais têm de republicar eventos anteriores como se estes servissem de justificativa para eventos recentes ou para a imagem violenta depositada em

um ou mais bairros. Foi a partir deste manuseio e de experiências vividas por nós que definimos o recorte espacial sobre o qual iríamos construir uma cartografia. E, neste sentido, a participação do “corpo vibrátil” fica evidente: inconscientemente demos ênfase às notícias que, de alguma maneira, estavam relacionadas à nossa experiência pessoal.

Definimos, então, como recorte espacial para a pesquisa justamente uma área da cidade onde aconteceu um evento criminoso sempre lembrado pelos jornais – o assassinato de quatro pessoas supostamente relacionado à disputa pelo tráfico de drogas na região – e, ao mesmo tempo, próxima de onde nós mesmos realizamos nossas atividades diárias: local de moradia, de estudo e de lazer. Não entra em questão, aqui, indicar exatamente a localização deste recorte uma vez que queremos apresentar apenas os procedimentos metodológicos utilizados.

Roteiristas e os diálogos

Nos jornais pesquisados, por outro lado, não encontramos quase nada sobre a maneira como as pessoas comuns vivem. Não encontramos quase nada sobre o que os moradores de um bairro fizeram no dia em que “30 homens armados com submetralhadoras, escopetas e pistolas chegaram com dez veículos” (CIRINO, 2009, p.4) ou quando uma bala atravessou a janela de um prédio em um bairro nobre da cidade (GUERRA, 2008, Capa). Correram para casa, esconderam-se debaixo da cama? E no dia seguinte? Evitaram sair de casa ou mantiveram a mesma rotina de todos os dias? Instalaram câmeras de segurança, aumentaram os muros de suas casas, blindaram seus carros ou abriram as janelas e cumprimentaram seus vizinhos? O porteiro foi ao trabalho? O taxista passou pela rua onde os carros dos traficantes ficaram estacionados? O vigilante impediu qualquer acesso ao *campus* da Universidade? As crianças foram à escola? O médico foi para o posto de saúde? Ou será que neste dia e nos dias seguintes ninguém saiu de casa, interrompendo suas atividades cotidianas, como imaginou Raul Seixas em “O dia em que a Terra parou”?

O empregado não saiu pro seu trabalho/
Pois sabia que o patrão também não tava lá.
Dona de casa não saiu pra comprar pão/
Pois sabia que o padeiro também não tava lá.
E o guarda não saiu para prender/
Pois sabia que o ladrão também não tava lá.
E o ladrão não saiu para roubar/
Pois sabia que não ia ter onde gastar.

No dia em que a Terra parou [...]
E nas Igrejas nem um sino a badalar/
Pois sabiam que os fiéis também não tavam lá
E os fiéis não saíram pra rezar/
Pois sabiam que o padre também não tava lá.
E o aluno não saiu para estudar/
Pois sabia o professor também não tava lá.
E o professor não saiu pra lecionar/
Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar
No dia em que a Terra parou [...]
(SEIXAS; ROBERTO, 1977)

O título da música de Raul Seixas e Claudio Roberto, “O dia em que a Terra parou”, é em referência ao filme *The Day The Earth Stood Still*, de 1951. A letra, como apresentamos acima, não se assemelha ao enredo do filme – sobre o dia em que um alienígena que viaja até a Terra. Na música, os autores refletem sobre o dia em que todas as pessoas do planeta resolveram não sair de casa e interromperam suas atividades cotidianas. Percebemos um encadeamento entre estas atividades e que a interrupção de uma trás conseqüências às demais.

Nos discursos midiáticos, porém, as repetições do cotidiano raramente aparecem e não é possível através de tais discursos perceber o encadeamento das mesmas. Consideramos o cotidiano em sua miséria ou em sua grandeza: “as relações elementares com as coisas, com as necessidades e o dinheiro, assim como os comerciantes e as mercadorias [...]; as apropriações do corpo, do espaço e do tempo, do desejo. A moradia, a casa” (LEFEBVRE, 1991, p.42). Foi em busca destas repetições que partimos quando avançamos para o recorte espacial definido e buscamos conversar com praticantes ordinários da cidade (DE CERTEAU, 1996), pessoas comuns que realizam suas atividades cotidianas no recorte espacial definido.

Escolhemos três entradas, ou seja, três praticantes ordinários da cidade que moram, trabalham ou se divertem ali. Escolhemos pessoas com quem estabelecemos contato prévio de alguma forma: o porteiro do edifício, o vendedor de livros, um representante da associação de moradores⁴. Novamente, fica evidente que a cartografia que pretendemos construir está vinculada à nossa própria experiência na cidade e não pode ser separada desta. Estas pessoas se tornaram Roteiristas; Roteiristas porque através de suas narrativas presentes nos diálogos travados é que os Itinerários os quais fomos seguindo foram se configurando, eles foram construindo juntamente com as experiências de nosso “corpo vibrátil” os Itinerários que iríamos percorrer.

Os diálogos foram guiados pela tríade trabalho, descanso e diversão e pelos percursos realizados para estas atividades; procuramos entender como os Roteiristas percebem o

lugar em que estão inseridos e de onde são parte. Pedimos para que eles descrevessem suas atividades diárias e seus percursos; perguntamos como são escolhidos estes percursos entre os locais que permeiam a tríade de trabalho, descanso e lazer e se eles gostariam de realizar suas atividades diárias em outros locais da cidade, procurando instigar os Roteiristas a apontar problemas e vantagens, características positivas ou negativas dos locais onde estão e daqueles para onde querem ir. Não perguntamos sobre criminalidade, a intenção foi justamente observar se a percepção da criminalidade construída a partir de e (re)produzida pelos discursos surge como um dos fatores de “(re)estruturação do espaço e da vida urbana” (SOUZA, 2008, p.29).

Os Itinerários

Supõe-se que um itinerário seja um trajeto que nos leve de um ponto a outro, com início e fim, mas o que propomos é um Itinerário como *errância urbana*.

Jacques (2006) apresentou um pequeno histórico das errâncias urbanas, dividindo-o em três momentos. No primeiro momento, a investigação do espaço urbano é realizada pelo *flâneur*. Elaborada por Baudelarie e analisada por Walter Benjamin na década de 1930, a figura do *flâneur* procura explorar a cidade pelo vagar errante, onde a percepção está aberta para a experiência urbana nas mais variadas escalas. Assim, o *flâneur* reinventaria a cidade a cada passeio, em flanâncias urbanas. O segundo momento é caracterizado pelas deambulações presentes nas ações dadaístas e surrealistas, quando excursões urbanas, eram organizadas em lugares banais. O terceiro momento corresponde às derivas, parte do pensamento urbano dos situacionistas, “técnica urbana para desenvolver na prática a idéia de construção de situações através da psicogeografia” (Jacques, 2004, *on line*).

A errância urbana, intrínseca ao urbanista errante, é uma experiência na cidade onde o que é mais relevante são as ações e os percursos, sem a preocupação com mapas ou planos, sem a preocupação em se construir uma representação da situação atual ou de uma proposta. “O urbanista errante não vê a cidade somente de cima, em uma representação do tipo mapa, mas a experimenta de dentro, sem necessariamente produzir uma representação qualquer desta experiência” (JACQUES *in* JEUDY; JACQUES, 2006, p.118).

Assim, quando dissemos que procuramos construir Itinerários como errâncias urbanas, queremos dizer que o que nos importa são as experiências que fomos acumulando ao longo do percurso por estes Itinerários e as experiências que nos foram transmitidas pelos Roteiristas durante os diálogos, e não buscamos uma resposta, um resultado final, uma representação da realidade. Neste sentido a aproximação metodológica proposta foge aos

modelos tradicionais, entendemos que a cartografia do cotidiano que elaboramos é apenas uma das múltiplas cartografias possíveis de serem elaboradas para o recorte especial definido, assim como entendemos que a mesma cartografia do cotidiano que elaboramos não pode ser considerada como um modelo generalizado para outros recortes espaciais possíveis.

Como dissemos, cada um dos Roteiristas foi narrando suas experiências, contando suas histórias sobre o lugar em que estão inseridos. Iniciamos com três Roteiristas iniciais sem saber previamente aonde iríamos chegar ou qual caminho seria feito. Então, como seguir adiante? Criamos aqui uma “regra de ouro” (ROLNIK, 2007). Durante nossos diálogos com os três Roteiristas iniciais procuramos por pistas para uma possível continuação do Itinerário. Tais pistas poderiam ser pessoas, a quem nossos roteiristas julgaram interessantes para nosso trabalho ou lugares, para onde os roteiristas nos direcionavam. As pistas, de pessoas ou de lugares, foram explicitamente apontadas, quando os roteiristas consideravam importante ou interessante para nossa pesquisa e indicaram uma pessoa ou um lugar para onde deveríamos seguir – “fale com seu Oliveira”, por exemplo – ou de maneira não explícita, uma referência casual de alguém ou de algum lugar, e que nós julgamos como interessante de ser seguida.

Este mesmo processo de busca por pistas se seguiu para os Roteiristas seguintes. Desta maneira, deixamos com que os Roteiristas nos guiassem a partir de seus próprios olhares para a construção da cartografia. Entretanto é claro para nós que a cartografia é também uma construção nossa; como já dissemos algumas vezes, e não haveria de ser diferente, já que estamos inseridos no processo e não somos, nem temos a pretensão de ser, imparciais. Isto fica evidente mais uma vez quando escolhemos, mesmo que inconscientemente, quais as pistas a seguir, em detrimento de muitas outras possíveis ou pelo fato de que a indicação dos Roteiristas teria a intenção de atender ao que cada um consideraria interessante para nós. São muitos os itinerários que poderíamos ter feito: tanto pelas várias pistas deixadas pelos roteiristas, como pelas escolhas que fizemos. Ao mesmo tempo, são também muitos os contra-itinerários que poderiam ter sido construídos: as pistas que poderíamos ter seguido pelo o que os Roteiristas não chamaram atenção ou pelo o que não foi dito nos diálogos.

Concordamos com Ana Rodrigues quando ela escreve que o “motivo de uma viagem não consiste em sua chegada, mas no percorrer infundável” (RODRIGUES, 2006, p.53). Não buscamos em nenhum momento um ponto de chegada e se interrompemos a seqüência das pistas é porque precisávamos apresentar a dissertação e não porque elas se esgotaram.

A apresentação dos Itinerários seguidos, e da própria cartografia do cotidiano elaborada, se deu em forma de uma narrativa. Walter Benjamin (1994) trata as narrativas como um intercâmbio de experiências – *Erfahrungen* – através das quais o narrador conta as próprias

experiências, mas também as experiências alheias. A narrativa é um processo cumulativo, acumulação de experiências, histórias, ensinamentos e possibilidades. “Ela não se encerra no narrado, visto que, pela própria natureza da sua matéria-prima (Erfahrung) unem-se narrador e ouvinte em um movimento de inúmeros re-contares” (RODRIGUES, 2006, p.69). Estes inúmeros re-contares só se tornam possíveis uma vez que as narrativas não possuem um final único, pré-concebido para o qual toda a história se direciona. Ao contrário, as saídas são múltiplas, as explicações as mais variadas possíveis e as perguntas “e depois?” ou “e se?” permitem infindáveis continuações. O ouvinte, ou o leitor, de uma narrativa “é livre para interpretar a história como quiser” (BENJAMIN, 1994, p.203), não existindo certo ou errado para tanto.

Os dispositivos de memória

Para a construção da cartografia lançamos mão também de alguns dispositivos de memória. Os dispositivos são ferramentas de rememoração dos Itinerários percorridos, tanto aqueles apresentados nas narrativas pelos Roteiristas como os percorridos espacialmente por nós ao longo do processo investigativo: gravações dos diálogos com os Roteiristas; desenhos feitos pelos roteiristas (mapas mentais) contendo a delimitação do bairro onde estavam inseridos e a descrição de seus percursos diários; acontecimentos e experiências vividas por nós durante o processo investigativo anotadas em nosso Diário de Bordo; recortes de jornais locais (notícias e imagens recolhidas durante o processo investigativo); coletânea de Boletins de Ocorrência de 2005⁵; desenhos nossos dos lugares por onde passamos, mas confeccionados em outro momento a partir dos próprios dispositivos de memória utilizados e das lembranças armazenadas no “corpo vibrátil”.

Assim, para a construção da cartografia à qual nos propomos, inserimos estes dispositivos de memória na própria narrativa dos Itinerários e em uma coluna lateral que os acompanha. Desta maneira, a narração dos Itinerários é permeada por notas, trechos das narrativas dos Roteiristas, ilustrações, esquemas de pistas, letras de música e recortes de jornais. Tentamos registrar o que vivemos durante este processo e, de certo, vários aspectos escaparam a este ato de (a)notar: passaram despercebidos, impregnaram-se em nós de tal forma que não os (a)notamos como novidade.

Considerações

Neste artigo procuramos apresentar uma aproximação metodológica, a cartografia do cotidiano, utilizada como possibilidade de embate ao ciclo de (re)produção dos estereótipos de criminosos e perigosos pelos discursos oficiais dos BOs, pelos discursos midiáticos e pelas discursos presentes nas situações e nas interações sociais que tem como tema a criminalidade.

A cartografia do cotidiano se mostra como uma saída possível, como uma possibilidade de leitura das formas de apropriação coletiva ou individual dos espaços públicos ou privados e sua relação com a criminalidade urbana, uma vez que tenta não (re)produzir estereótipos ao dar voz aos praticantes ordinários da cidade e às experiências vividas por eles. Ao mesmo tempo em que nossa cartografia procura registrar as narrativas dos Roteiristas, ela é função de nossas próprias escolhas: o recorte espacial definido; os Roteiristas iniciais e as pistas deixadas por eles e seguidas por nós; os dispositivos de memória acionados na escrita da narrativa... Em todo o momento, vestígios de nossas percepções particulares emergiram; é o “corpo vibrátil” fazendo-se presente e participando, indiscutivelmente, da cartografia construída.

Referências bibliográficas

BASTOS, Marcos Toledo de Assis. “Flâneur, blasé, zappeur: variações sobre o tema do indivíduo. **E-compós**, Brasília, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, v.10, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CIRINO, Helga. Moradores unidos para combater a violência. **Jornal A Tarde**. Salvador, 27 jul. 2009, p.4. Segurança.

COSTA, Francisco de Assis. **O lugar da violência**: tipologias urbanas e violência em Salvador, 2005-2006. Relatório Técnico Final. Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996.

FERRAZ, Camila Benezath Rodrigues; PESSOA, José Augusto. Martins. **Os discursos sobre a (in)segurança urbana e a segregação socioespacial em Viçosa, Minas Gerais**. Trabalho Final (Graduação em Arquitetura e Urbanismo)- Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2007.

FERRAZ, Sônia Maria Taddei. **A favela como lugar da Operação Rio (1994/1995)**: Discurso jornalístico e dispositivos de enunciação. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura)- Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GUERRA do tráfico mata 4 e assusta bairro nobre. **Jornal A Tarde**. Salvador, 12 jun. 2008. Capa.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JQUES, Paola Berenstein. "Elogio aos errantes: breve histórico das errâncias urbanas". **Arquitextos**. n. 053.04, ano 05, out. 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>>. Acesso em out. 2010.

JEUDY, Henri Pierre; JQUES, Paola Berenstein (Orgs.). **Corpos e cenários urbanos**: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

NJAINE, Kathie et al. **A produção da (des)informação sobre violência**: análise de uma prática discriminatória. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos2/producao-informacao-violencia/producao-informacao-violencia.shtml>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

RAMOS, Silva; PAIVA, Anabela (org). **Mídia e Violência**: Novas Tendências na Cobertura de Criminalidade e Segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007. Disponível em: <<http://www.ucamcesec.com.br>> Acesso em: 26 jun. 2009.

RODRIGUES, Ana Cabral. **Subjetividades e Espaços**: narrativas incompletas. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SEIXAS, Raul; ROBERTO, Cláudio. O dia em que a Terra parou. Intérprete: Raul Seixas. In: RAUL SEIXAS. **O dia em que a Terra parou**. [S.I.]: Warner Bros. Records, 1977.

SILVA, Regina Helena et al. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. **E-Compós**, Brasília, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, v.11, n.1, p.3, jan./abr., 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

VARJÃO, Suzana. **Micropoderes, macroviolências**. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

Notas

¹ O Boletim de Ocorrência é o primeiro registro oficial de um evento criminoso produzido pela Polícia Civil. É uma ficha aonde o agente responsável preenche os dados que podem ser necessários e utilizados em uma posterior investigação criminal. Nos campos de preenchimento estão informações referentes: 1) ao registro da comunicação propriamente dito – número de registro, data e hora; 2) ao comunicante – tipo de envolvimento com o

evento criminoso e nome; 3) ao evento criminoso – data, hora, local e bairro; 4) à descrição do evento criminoso; 5) à natureza do crime, segundo classificação do Código Penal; e 6) a outros envolvidos e ao tipo de envolvimento – nome, sexo, cúrtis e outras características.

² Como exemplo destas situações e interações sociais podem citar conversas, piadas, justificativas por escolhas sobre para onde e quando ir ou sobre onde andar que envolvem, direta ou indiretamente, crimes ou a possibilidade de sua ocorrência.

³ A dissertação de mestrado, cujo título provisório é “Criminalidade, representação e espaço urbano”, está sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia sob orientação do Prof. Dr. Francisco de Assis da Costa. A pesquisa tem por objetivo estudar como se dá a construção da idéia de determinados lugares como perigosos e seu reatamento na vida cotidiana e, ao mesmo tempo, buscar por procedimentos metodológicos que não alimentem a este ciclo de (re)produção dos estereótipos.

⁴ É importante ressaltar que, neste caso, a escolha pelo representante da Associação de Moradores não se deu porque se considerava que ele fosse falar em nome de todos os moradores do bairro, mas porque ele foi o primeiro a quem fomos apresentados em uma entrada específica.

⁵ A utilização da coletânea de Boletins de Ocorrência no ano de 2005 se deu por duas principais razões. A primeira pela facilidade na obtenção do material uma vez que aproveitamos a coletânea utilizada na pesquisa “O lugar da violência: tipologias arquitetônicas e urbanas e sua relação com a violência em Salvador, 2005-2006” coordenada pelo professor Francisco de Assis da Costa que nos cedeu os 499 Boletins de Ocorrência em formato digital obtidos junto ao Departamento de Polícia Metropolitana da Polícia Civil da Bahia, Secretaria Pública do Governo do Estado da Bahia, já que não conseguimos dados mais recentes com a Polícia Civil, mesmo após várias tentativas. A segunda razão está relacionada ao próprio processo de construção imagética sobre a área objeto de estudo, que não se faz imediatamente após um determinado evento, mas em uma sucessão e superposição deles. Notamos a partir da leitura dos Boletins de Ocorrência de 2005 que os mesmos reforçam os estereótipos de áreas da cidade e de grupos sociais potencialmente envolvidos com eventos criminosos.